COLEÇÃO PROARTE
LITERATURA

WALLACE ABREU FRANÇA

MENINA BRASIL

Menina Brasil

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
Robério Braga

SECRETARIA-EXECUTIVA
Elizabeth Cantanhede
Mimosa Paiva

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA
Antônio Ausier Ramos

CULTURA
Secretaria de Estado
Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br
www.culturaamazonas.am.gov.br

Wallace Abreu França

Menina Brasil

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2012

Coordenação Editorial
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Capa
ROBERTO LIMA

Projeto Gráfico e Diagramação
GRÁFICA ZILÓ LTDA

Revisão
SERGIO LUIZ PEREIRA

Normalização
EDIANA PALMA

Catalogação da Fonte

A162m França, Wallace Abreu.

Menina Brasil / Wallace Abreu França. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Cultura, 2012.
46p. ; 14x21cm. (Coleção Proarte Literatura).

ISBN 978-85-65409-17-9.

1. Literatura brasileira. 2. Peças Teatrais – Brasil. 3. Personagem. I. Título. II. Série.

CDD 869.2
CDU 821.134.3(81):792.007

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

APRESENTAÇÃO

O Governo do Estado por meio da Secretaria de Cultura criou e mantém, há vários anos, mediante edital público, um programa de bolsa de financiamento e incentivo a projetos culturais em diversas áreas, entre elas a literatura. Este trabalho, de Wallace Abreu, é resultado dessa ação de dinamização e democratização da política pública de cultura no Amazonas, implantada há dezesseis anos e que, de forma crescente e contínua, vem abrindo oportunidades e valorizando o processo criativo.

"Menina Brasil", agora lançado pelas edições amazonenses, cuida da história do Brasil de forma livre e criativa, em um voo panorâmico, se vale de referenciais da história oficial e se associa à música popular brasileira, passando por narrativas da época de repressão militar. Uma linguagem simples, direta, sem floreios, com a qual o autor pretende recontar a trajetória das liberdades.

O importante ao lado do tema também é o fato de se tratar de um autor que surge em razão do programa de incentivo ao escritor, com as Edições "Governo do Estado" que, ao mesmo tempo, publicou e publica autores consagrados, mestres da historiografia, da política e das ciências.

O Proarte – Programa de Apoio às Artes, desde 2007, vem incentivando a produção que se caracteriza como independente, estimulando novos estudos e produções nas mais diversas manifestações artísticas, e revelando escritores, pintores, cineastas, chargistas, por exemplo.

A presença deste trabalho na coleção que lançamos como parte de um projeto do Programa "Mania de Ler", que vai estimular o hábito da leitura e a criação literária em ações destinadas a alcançar grandes e audaciosas metas, assume, por isso mesmo, valor ainda mais especial. O que desejamos é que circule, amplamente, e que sirva para esse estímulo ao livro e à leitura, indispensáveis em uma sociedade que cada vez mais se transforma em cibernética. Este, aliás, o desafio proposto à equipe da Secretaria de Cultura pelo governador Omar Aziz ao definir que, a par da continuidade de todas as outras ações em curso na política de cultura, o livro e as artes visuais seriam, em seu governo, a marca de transformação do cenário de dimensão ainda modesta nesses dois campos de manifestação do conhecimento. Abrindo oportunidades, rompendo caminhos, construindo o futuro.

Parabenizo o autor pela obra, e a comissão que a elegeu.

Robério Braga

MENINA BRASIL

PERSONAGENS

Brasil
Cabral
D. João VI
D. Pedro I
D. Pedro II
Princesa Isabel
Tribo Indígena
Mucamas
Escravos
Jorge Street
Pedro Malazarte
Menino Jornaleiro
Operários
Getúlio Vargas
Um Anjo
Um Diabo
JK
Líder Sem-Terra
Homem Jornaleiro
Telespectadores
Sem-Terra
Militares
Estudantes Militantes
Tancredo Neves

PRÓLOGO

As cortinas se abrem. Ao som de flautas, uma tribo indígena dança e canta / ritual indígena. No centro da tribo, um índio e uma índia. Ela está grávida e confunde-se com a terra. A tribo forma um oceano. Da plateia, com uma luneta, entra Cabral.)

CABRAL
– Terra à vista!

(Cabral aproxima-se. Uma menina surge da terra. Cabral a pega em seus braços, a leva até o oceano e a batiza nas águas.)

CABRAL
– Tu, bela menina, irás se chamar Ilha de Vera Cruz... Não! Terra de Vera Cruz... Melhor. Chamar-se-á Brasil.

(A tribo sai. Cabral se senta. Brasil fica sozinha no meio do palco. Ao som de tambores, uma fila atravessa o palco e nela está a família real. D. João VI, Carlota Joaquina e Mucamas carregando várias malas.)

CABRAL
– Quando D. João chegou, tornou-se o maior responsável pela Menina Brasil. Instalaram-se no Rio de Janeiro e escolheram as melhores casas para morar. Nas portas dessas casas eram carimbadas as iniciais P R, que quer dizer Príncipe Regente, mas logo todos entenderam que P R queria dizer "Ponha-se na Rua", pois os proprietários eram obrigados a deixar a casa imediatamente. Logo D. João voltou para Portugal, e seu sucessor foi seu filho Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Sipriano Serafim de Bragança e Bourboun.

(*Entra D. Pedro I.*)

D. PEDRO I
(*Recebendo Brasil de D. João VI.*) – Ora, pois!... Chame-me só de D. Pedro I.

(*D. João e sua comitiva saem.*)

CABRAL
– Foi este que declarou a independência do Brasil, lá no sete de setembro, pensando ele que estaria fazendo bem para a Menina Brasil. Logo, teve de abrir mão do Brasil e deixou seu filho D. Pedro II como sucessor.

(*Entra D. Pedro II.*)

D. PEDRO II
(*Pegando das mãos de D. Pedro I a Menina Brasil.*) (*A Cabral.*) – Que intimidade é esta? (*D. Pedro I sai.*) – Meu nome é Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Viana Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Rafael Gonzaga de Bragança e Bourboun.

CABRAL
– Este, com ar de grandeza, afundou ainda mais o país. Foi no reinado dele que Brasil teve o maior número de escravos. Mas a sucessora dele foi uma mãezona para a Menina Brasil. (*Entra Princesa Isabel e toma Brasil de D. Pedro II.*) – Princesa Isabel de Bourboun.

(*D. Pedro II sai.*)

PRINCESA ISABEL
(*Lê uma parte da carta de abolição da escravatura. Os escravos foram libertos e tudo vira uma confusão.*)

CABRAL
– Ela aboliu a escravatura no Brasil, mas não foi tão simples como ela imaginava.

(*Um telão desce. Uma bomba explode ao mesmo tempo. Brasil é a única que fica à frente do telão.*)

CABRAL
– A política e a ambição fizeram com que a jovem Brasil se perdesse, tal que, até hoje, tenta encontrar seu rumo. (*A Brasil.*) – Menina? No dia em que te avistei, te vi bela, cheia de cores e vida. E disse: Essa voará longe e gozará o doce da vida.

BRASIL
– Mas até agora eu só tenho sofrido. Passei por várias mãos e agora estou aqui perdida.

CABRAL
– Não desista nunca. (*Sai.*)

(*Volta o som dos tambores. Brasil corre de um lado para o outro até sumir.*)

CENA I

Ouve-se barulho de marteladas, de madeira, muita gente falando. Entra o Menino Jornaleiro.

JORNALEIRO
– Extra! Extra! Brasil passa a se chamar República Federativa do Brasil. Extra! Extra! Brasil tem novo nome e nova forma de governo. Chegou a República! Extra! Extra! (*Sai.*)

(*Entram Operários e Jorge Street. Os Operários trazem na mão uma placa com o nome "Maria Zélia".*)

STREET
– Vamos ver... Podem colocar a placa ali. Isso! (*Os dois Operários penduram a placa.*) – Muito bom. (*Entram mais Operários.*) – A partir de agora, este é o lar de vocês. A Vila Maria Zélia é de vocês. Os senhores serão os donos, então cabe aos senhores cuidar e conservar este patrimônio. Aqui os senhores construirão suas vidas. Cada família terá direito a uma casa, alimentação para as crianças pequenas, temos creches, médicos para todos, escola, igreja, clube recreativo e esportivo, coisas que os senhores não tinham na lavoura, quando os senhores trabalhavam por míseros tostões... A vida de operário é muito boa. Menos horas de trabalho, mais tempo para o lazer. Amigos, cresceremos juntos! Quanto mais produzirmos, mais dinheiro teremos. Repito: teremos, eu e vocês. É a República que está nos proporcionando isso. A República Federativa do Brasil está se desenvolvendo e os senhores estão fazendo parte dessa história. Há muitas pessoas contra esse desenvolvimento, mas, meus amigos, não acreditem neles. Eles querem usar os senhores, com seus sindicatos, mas não vão conseguir. Quem é o amigo dos senhores? Eu. Eu, companheiros. Amanhã começamos nossa produção. Vou deixar o resto do dia livre para vocês arrumarem suas coisas. Para conhecerem melhor a vila. Mas não esqueçam: amanhã, às cinco e meia da manhã, homens e mulheres nas fábricas. Crianças na creche. Alguma dúvida?

OPERÁRIOS
– Não.

STREET
– Então... Boas-novas para todos. (*Sai.*)

(*Todos os Operários comentam o assunto e vão saindo lentamente. Um casal permanece, com um bebezinho e mais duas crianças.*)

OPERÁRIO
– Eu te falei, meu amor. Isso aqui é um paraíso. Não é igual aquela lavoura em que nós trabalhávamos. Agora vamos ter nossa casinha e um outro monte de coisas, e não vamos pagar nada por isso.

OPERÁRIA
– Teremos o que dar de comer aos meninos todos os dias, e não precisaremos nos preocupar com eles durante o trabalho. Estarão seguros na creche.

OPERÁRIO
– Agora, uma coisa ficou martelando aqui na minha cabeça... Seu Jorge disse que tem pessoas que vão querer nos enganar. Que vão querer se aproveitar de nós. Não entendi quem possam ser essas pessoas.

OPERÁRIA
– Deixa isso pra lá. Vamos conhecer nossa casa? Tem muita coisa a ser feita até amanhã. (*Saem.*)

(*Ao som de um maxixe, os Operários entram e saem várias vezes, repetindo uma rotina de trabalho, até o mesmo casal da cena anterior entrar.*)

OPERÁRIO
– Agora eu sei. Agora eu sei quem seriam essas pessoas que iam querer se aproveitar de nós... Era ele. O senhor Street.

OPERÁRIA
– Aquelas belas palavras sobre liberdade, tudo mentira. Fomos enganados! Somos explorados! Apenas um mês se passou e o horário de trabalho já aumentou várias vezes. Ter de ficar na fábrica de cinco da manhã até dez da noite... Não dá!

OPERÁRIO
– Eu vou fundar um sindicato.

OPERÁRIA
– O quê? Não! Esquece isso. Você não pode. Aqui nós temos tudo. Casa, comida, médico, escola...

OPERÁRIO
– Tudo... Tudo do senhor Street. Tudo! Vou fundar um sindicato, reunir todos os trabalhadores da fábrica do senhor Street. Assim, poderemos garantir benefícios. Confia em mim (*Saem.*)

(*Entra o Jornaleiro.*)

JORNALEIRO
– Extra! Extra! Tudo sobre o mundo do trabalho urbano. Extra! Operários se organizam em sindicatos e associações. Extra! Extra! Antigos fazendeiros e comerciantes que investiam na industrialização não contavam com essa enorme dor de cabeça. Extra! Operários se organizam em sindicatos e associações. Extra! Extra! (*Sai.*)

(*Entram os Operários.*)

OPERÁRIO
– Entrem, amigos. Podem ir se organizando aí pelos cantos. O fato é: estamos sendo explorados. A situação não pode continuar assim. Somos maioria, temos de pensar e encontrar uma solução.

OPERÁRIO 1
– Podemos paralisar o trabalho.

OPERÁRIO
– Greve? Pode ser uma saída. Agora, de que forma podemos fazê-la? Tudo tem de ser muito bem pensado. A industrialização e a urbanização são os novos caminhos da sociedade brasileira. A nossa República está perdida, e cabe a nós recolocá-la nos eixos. Temos a Fiesp ao nosso lado, e se estivermos unidos, alcançaremos nossos objetivos.

(*Entra Street.*)

STREET
– Então é aqui que os senhores se encontram.

OPERÁRIO 2
– Não, senhor. Podemos explicar.

STREET
– Calado! Então é verdade que estão tramando pelas minhas costas.

OPERÁRIO 3
– Não. Só queremos o que é nosso de direito.

STREET
– Então, eu lhes dou casa, dinheiro, escola, médico e os senhores ainda querem mais?

OPERÁRIO 3
– Estamos sendo explorados pelo senhor.

OPERÁRIO 4
– É! Trabalhamos mais do que podemos.

OPERÁRIO 3
– E recebemos uma miséria.

STREET
– Quem está à frente dessa organização? (*Todos se calam.*) – Vou perguntar de novo e quero uma resposta. Quem está à frente desse sindicato? (*Silêncio.*) – Quem é o responsável por isso?

OPERÁRIO 2
(*Apontando o responsável.*) – Ele, senhor. É ele quem está organizando o sindicato.

OPERÁRIO 3
(*Agredindo-o.*) – Seu dedo-duro!

OPERÁRIO 2
– Só não quero perder meu emprego.

STREET
Calados! (*Ao responsável.*) – Então é o senhor... Pegue sua esposa, seus filhos, seus trapos, e se retire desta vila, agora!

OPERÁRIO
– O senhor não tem esse direito.

STREET
– Não? O senhor já aprendeu a ler?

OPERÁRIO
– Sei ler desde que era criança.

STREET
– Então leia este documento. (*Operário pega o papel.*) – Aí está dizendo, como o senhor pode ler, que toda, toda a área da Vila Maria Zélia pertence a mim: Jorge Street. Então, sendo assim... Caia fora daqui! (*Sai Operário, Operária e crianças.*)

STREET
(*Aos Operários.*) – Se alguém mais quiser segui-los, que o faça agora! (*Espera.*) – Então? Ninguém mais quer a rua? Muito bom. Espero que isso não volte mais a acontecer aqui. (*Sai.*)

(*Aparece Pedro Malazarte sentado a uma máquina de escrever.*)

PEDRO MALAZARTE
(*Escrevendo.*) – Não pode a gente sair da capital deste Estado, sem que o chefe de polícia disso já esteja inteirado. Não tem dúvida. Vivemos na mais plena "liberdade". Nesse domínio sublime! Da deusa legalidade! Tem um dia um cidadão vontade de ir passear, e não vai sem a polícia do tal passeio informar. Não se admirem, leitores, quando houver

intimação, para toda criatura, beijar da polícia a mão!! Qualquer dia deve a gente, em tom de baixo profundo, pedir também a polícia, para sair deste mundo. "Pedro Malazarte... eu. São Paulo, doze de dezembro de 1892".

(*Operários vão saindo.*)

Êta, República velha! Há pouco mais de cem anos, Brasil era um país predominantemente agrário. Depois que inventaram as fábricas, a industrialização, junto com isso, promessas de melhores condições de trabalho... Promessas. Os donos de fábricas eram burgueses. Alguém sabe o que é um burguês?... A fábrica generalizou-se como sistema de produção, aparecendo, com sua implantação, novas formas de ser e pensar. O operariado era basicamente estrangeiro. Imigrantes europeus. Muitos conseguiram seguir com seus sindicatos e associações, mas isso não ajudou muito nossa República, não. Ela continuava perdida. (*Malazarte some.*)

(*Entra República do Brasil, correndo, desorientada, eufórica e sai correndo.*)

CENA II

Entra Getúlio Vargas, termina de escrever sua carta-testamento, pega um revólver e suicida-se. Num ar misterioso, é montado um tribunal onde estão um Diabo e um Anjo.)

(PARTE DA CARTA-TESTAMENTO DE VARGAS)
...QUANDO A FOME BATER A VOSSA PORTA, SENTIREI EM VOSSO PEITO A ENERGIA PARA A LUTA POR VÓS E VOSSOS FILHOS. QUANDO VOS VILIPENDIAREM, SENTIREIS NO MEU PENSAMENTO A FORÇA PARA A REAÇÃO. MEU SACRIFÍCIO VOS MANTERÁ UNIDOS E O MEU NOME SERÁ VOSSA BANDEIRA DE LUTA. CADA GOTA DO MEU SANGUE SERÁ UMA CHAMA IMORTAL NA VOSSA CONSCIÊNCIA E MANTERÁ A VIBRAÇÃO SAGRADA PARA A RESISTÊNCIA. AO ÓDIO RESPONDO COM O PERDÃO. E AOS QUE PENSAM QUE ME DERROTARAM RESPONDO COM A MINHA VITÓRIA. ERA ESCRAVO DO POVO E HOJE ME LIBERTO PARA A VIDA ETERNA. MAS ESSE POVO DE QUEM FUI ESCRAVO NÃO MAIS SERÁ ESCRAVO DE NINGUÉM. MEU SACRIFÍCIO FICARÁ PARA SEMPRE EM SUA ALMA E MEU SANGUE TERÁ O PREÇO DO SEU RESGATE. LUTEI CONTRA A ESPOLIAÇÃO DO BRASIL. LUTEI CONTRA A ESPOLIAÇÃO DO POVO. TENHO LUTADO DE PEITO ABERTO. O ÓDIO, AS INFÂMIAS, A CALÚNIA, NÃO ABATERAM MEU ÂNIMO. EU VOS DOU A MINHA VIDA. AGORA OFEREÇO A MINHA MORTE. NADA RECEIO. SERENAMENTE DOU O PRIMEIRO PASSO NO CAMINHO DA ETERNIDADE E SAIO DA VIDA PARA ENTRAR NA HISTÓRIA.

UM DIABO
– Então o senhor é que é Getúlio Vargas, político brasileiro, líder da Revolução de 1930, presidente da República eleito em 1950. Posso saber por que suicidou-se?

VARGAS
– Só falo na presença do meu advogado.

UM DIABO
– E o senhor tem quem o defenda?

(*Entra um Anjo.*)

UM ANJO
– Eu o defenderei.

UM DIABO
– Tinha de ser você para atrapalhar-me, não é?! Estava preste a ter mais um condômino no meu residencial.

UM ANJO
– Todos têm direito à defesa. E este homem não é tão mau assim.

UM DIABO
– Não?? Pois bem. Que comesse o julgamento. (*A Vargas.*) – Agora veremos, senhor Vargas, o que será de vossa alma. (*Puxa de baixo da mesa vários diários.*) – Reconhece-os, senhor Vargas?

VARGAS
– Sim. São meus diários.

UM DIABO
– Sim. São seus diários. E são nessas páginas que está sua sentença final. Saiba que somos muito justos. (*Abrindo e folheando um diário.*) – Vamos ver... hum... hum... Aqui! (*A Vargas.*) – Diga-me, senhor Vargas, o que o senhor fez na manhã do dia 13 de setembro de 1937?

VARGAS
– 13 de setembro? Bem, nesse dia fui almoçar na chácara do deputado Henrique Laje, próximo ao Jardim Botânico, em homenagem ao Júlio Roca. Havia numerosos convidados. Isso me atrasou o expediente. Cheguei ao Catete às 16 horas.

DIABO
– Ah, senhor Vargas. Começou mal. Então o senhor afirma ter usado horário de expediente para diversão e lazer?

ANJO
– Um momento. Tudo depende do ponto de vista. Nesse almoço ele conseguiu vários aliados políticos e benefícios para a República.

DIABO
– Pois bem. Que seja. Vamos para outra página. (*Folheando o diário.*) – Aqui. Com esta eu lhe levo agora mesmo comigo. (*A Vargas.*) – O que o senhor me diz dos dias 1.º e 2 de outubro de 1938?

VARGAS
(*Pensativo.*) – Nada.

DIABO
– Nada?! Não vai nem tentar se defender? Nem pedir ajuda do seu advogado?

VARGAS
– Nada foi o que eu fiz. Sábado e domingo. Nada ocorreu de importante. Alternei o tempo entre o repouso, um pouco de trabalho e o esporte.

ANJO
– Mais que natural que um homem tenha os finais de semana para o lazer.

DIABO
(*Joga o diário.*) – Deixa-me mudar de diário que este não está muito bom. (*Pega outro.*) – Este é melhor! Tem mais páginas. Com certeza terá mais o que se questionar. (*Folheia-o.*) – O que lhe lembra 14 de dezembro de 1940?

VARGAS
– Então... Nesse dia convoquei o Ministério do Trabalho para a tarde, isto é, compareceu à reunião para a qual estava convocado desde o dia anterior. Tratou-se da imigração clandestina e abusiva que se fazia. Após expor as medidas propostas pelo ministro da Justiça e muito discutirmos o assunto, assuntei como medidas resultantes da palestra: 1.º – proibir o visto consular nos passaportes dos judeus; 2.º – levantar o cadastro de todos os imigrantes que se achavam irregularmente no Brasil; 3.º – promovi uma legislação mais severa sobre a imigração.

DIABO
– Simplificando... A República brasileira estava perdida em suas mãos. O senhor, com essas suas medidas, a colocou num verdadeiro labirinto sem saída.

ANJO
– Alto lá! Não use hipóteses para incriminar meu cliente. Vargas pensava muito no crescimento e desenvolvimento da República. Suas medidas foram condizentes à época.

DIABO
(*Baixinho a Vargas.*) – Não pense que vai me escapar.

...

DIABO
– Dois de fevereiro de 1941?

VARGAS
– Golf.

DIABO
– Só Golf.

VARGAS
– Sim... Era um domingo.

DIABO
– 20 de junho de 39?

VARGAS
– Despachos com a Agricultura e Exterior.

DIABO
– Cinco de janeiro de 1942?

VARGAS
– Despachos com a Justiça.

DIABO
– Dia seis?

VARGAS
– Despachos com a Agricultura e Exterior.

DIABO
– Dia sete?

VARGAS
– Despachos com Fazenda, Trabalho, Banco do Brasil e prefeitura.

DIABO
– Dias oito, nove e dez?

VARGAS
– Despachos com a Marinha e Aeronáutica.

DIABO
– Dia onze?

VARGAS
– Golf.

DIABO
– O senhor tem certeza? Não esqueceu de anotar nada?

VARGAS
– Não. Só golf.

DIABO
– Dia 12?

VARGAS
– Despachos com a Justiça e Educação.

DIABO
– Finalmente algo. A educação!

ANJO
– É, senhor Getúlio. Acho que agora não poderei fazer nada pelo senhor.

DIABO
– Como todos sabemos, grande parte da falta de desenvolvimento da nossa República deve-se à falta de investimentos na educação. Senhor Vargas, o senhor sabe que, para que um filho seja inteligente e desenvolvido, precisa de estudos. E o que o senhor fez pela educação da Menina Brasil? Pouco. Muito pouco. Quase nada. Enfim, senhor... Acho que não terá outro jeito a não ser levá-lo comigo. Vamos?

ANJO
– Um momento!

DIABO
– O que foi agora?

ANJO
– Não podemos condená-lo por um único erro e esquecer suas contribuições para a República. Foi em seu governo que houve a maior nacionalização da classe trabalhadora. No seu governo houve a substituição de importados, formando um mercado interno. Houve o desenvolvimento econômico, agrícola e industrial. Criação do Ministério do Trabalho. Criação da Petrobras... Muitas coisas boas para esta Pátria.

VARGAS
– É verdade.

DIABO

– Permaneça calado que ninguém lhe deu o direito de falar. (*Ao Anjo.*)
– Pois bem. Se for pra jogar pesado, vamos jogar pesado. "Má rapaz!". Que entre a acusação.

(*Entra Brasil.*)

DIABO
– Jovem Brasil. Sente-se. Então... Prometa falar a verdade, nada mais que a verdade, somente a verdade?

BRASIL
– Prometo. Mas antes eu queria dizer uma coisa.

DIABO
– Diga.

BRASIL
– Esse homem não tem culpa não.

DIABO
– O quê?!

BRASIL
– Isso mesmo. Deixa-o subir. Coitado! Acabou de suicidar-se. Já tem tanta gente o julgando lá em baixo. E outra. Eu já estou perdida. Tanto faz ele subir ou descer. E como ele quer subir... Vamos ser democráticos. É só ele me deixar sua história para que eu possa usar como parte da minha vida.

DIABO
– Tem certeza?
BRASIL

– Tenho.

DIABO
– Vai, Vargas. Só não vai fazer política lá... Senão já, já o Cara te manda lá pro meu condomínio.

(*Vargas sai.*)

DIABO
– Mas esses diários ficam comigo. Eu vou estudá-los melhor pra quando você for expulso lá de cima. (*Sai.*)

ANJO
– Ah, minha República brasileira, tens um coração de mãe. Mas dá um jeito nessa tua casa! Tá igual a casa da mãe Joana. (*Sai.*)

BRASIL
– Eh. Desde que nasci tô perdida atrás desse tal doce da vida que meu criador Cabral falou... Todo mundo foi embora... Já estou sozinha de novo. Mas eu não vou desistir de procurá-lo. (*Sai correndo.*)

CENA III

Entra um Telespectador empurrando uma tevê virada para o público. Ele para, senta e assiste. É o discurso de JK na inauguração de Brasília.)

JK
– Não me é possível traduzir em palavras o que sinto e o que penso nesta hora, a mais importante de minha vida de homem público. A magnitude desta solenidade há de contrastar por certo com o tom simples de que se reveste a minha oração.

(*Entra mais um Telespectador com uma tevê e se posiciona em outro ponto do palco. Também com a tevê virada para a plateia.*)

JK
– Dirigindo-me a todos os meus concidadãos, de todas as condições sociais, de todos os graus de cultura, que, dos mais longínquos rincões da Pátria, voltai os olhos para a mais nova das cidades que o governo vos entrega, quero deixar que apenas fale o coração do vosso presidente.

(*Entram mais dois Telespectadores com tevê.*)

JK
– Somente me abalancei a construí-la quando de mim se apoderou a convicção de sua exequibilidade por um povo amadurecido, para ocupar e valorizar plenamente no território que a Providência Divina lhe reservara.

(*Entra mais Telespectadores com tevê, e vão entrando lentamente até que sejam uns 10 ou 12.*)

JK

– No programa de metas do meu governo, a construção da Nova Capital representou o estabelecimento de um núcleo, em torno do qual se vão processar inúmeras realizações; outras, que ninguém negará fecundas em consequências benéficas para a unidade e a prosperidade do país. Viramos no dia de hoje uma página da História do Brasil. Prestigiado, desde o primeiro instante, pelas duas Câmaras do Congresso Nacional e amparado pela opinião pública, por meio de incontável número de manifestações de apoio...

(O som vai baixando até que se torne um profundo silêncio. A imagem de JK na tevê continua rolando com o depoimento. Nessa hora, entra o Líder Sem-Terra.)

LÍDER SEM-TERRA

– Passeando em minha rua, em noite clara de lua / olhando em cada janela / de salas claras repletas / de caras claras de telas / ao findar minha ruela / percebi embestecido / que sem querer havia assistido / sem querer, mas inteirinho / ao último capítulo desta novela. / Passeando em minha rua / em noite cheia de lua / que as luzes dos postes não deixavam brilhar / vi em cada janela / caras claras de telas. / Umas feias, outras belas / todas dentro das telas / mas todas fora do ar.

(Volta-se a ouvir o som das tevês com JK.)

JK

– Brasileiros! Daqui, do centro da Pátria, levo o meu pensamento a nossos lares e vos dirijo a minha saudação. Explico a vossos filhos que está sendo feito agora. É, sobretudo, para eles que se ergue esta cidade-síntese, prenúncio de uma revolução fecunda em prosperidade. Eles é que não hão de julgar amanhã. Neste dia – 21 de abril – consagrado ao alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, ao centésimo trigésimo oitavo ano da Independência e septuagésimo primeiro da República, declaro, sob a proteção de Deus, inaugurada a cidade de Brasília, capital dos Estados Unidos do Brasil.

(Ouve-se o som de uma fanfarra tocando uma marchinha. Os Telespectadores vão saindo com suas tevês até ficar o Líder Sem-Terra sozinho.)

LÍDER SEM-TERRA
– Hoje nasce Brasília. Lema: Nova cidade, com um mundo de terra. Podiam colocar lá quem não tem sua terra, mas sabe quem vai morar lá? Aqueles que já têm muita terra. Precisamos de uma reforma agrária, e precisamos discutir a concentração latifundiária. Falar dos destinos do mundo rural é falar ao mesmo tempo do destino da nação. *(Sai.)*

(Entra o Homem Jornaleiro.)

JORNALEIRO
– Extra! Extra! 31 de janeiro de 61. Empossados Jânio Quadros e João Goulart, respectivamente, na Presidência e Vice-Presidência da República. Extra! República do Brasil já tem novo presidente! Extra! Extra! Jânio Quadros é o novo presidente da República. Extra! Extra! *(Sai.)*

(Entram o Líder sem-terra e os Sem-terra.)

LÍDER SEM-TERRA
– Companheiros, nossas lutas estão sendo de grande valia. Com a criação e apoio da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, estamos conseguindo impor reconhecimento e uma nova imagem pública.

SEM-TERRA 1
– Isso é verdade, não somos mais vistos como indolentes, mas sim como imagem de luta.

LÍDER SEM-TERRA
– Sem falar que esse reconhecimento... Uma nova imagem pública nos deu consolidações de leis como o Estatuto do Trabalhador Rural.

SEM-TERRA 2
– Passamos a ter os mesmos direitos que os trabalhadores urbanos.

LÍDER SEM-TERRA
– Amigos, já somos mais de duzentos e trinta associações municipais, quinze federações e a Ultab. Mas não podemos afrouxar o negócio, temos de continuar lutando! Foi isso que escolhemos para nossas vidas. Lutar por nossos direitos em comum, e é assim que continuará sendo. Pois todos sabem, companheiros, que a união faz a força. Vamos lutar por esta República, que sofre nas mãos desses governantes. Vamos lutar para que esta República encontre seu caminho, para que entre nos eixos. Agora vamos, amigos, temos um trabalho muito importante a fazer. A promulgação do Estatuto do Trabalhador Rural, que será para nós uma verdadeira complementação da lei que aboliu a escravidão em 1888. (*Saem.*)

(*Entra Brasil, correndo.*)

BRASIL
– Cuidado com o que vocês vão fazer. A abolição da escravidão, em parte, não foi nada boa para mim. Espere, eu vou com vocês! (*Sai.*)

(*Entra o Homem Jornaleiro.*)

JORNALEIRO
– Extra! Extra! Jânio Quadros é o novo presidente da República. Extra! Extra! (*Alguém da... o interrompe.*)

ALGUÉM
– Essa notícia já é velha! Você pegou o jornal errado. (*Jornaleiro sai e volta com outro jornal.*)

JORNALEIRO
– Extra! Só 8 meses no poder e Jânio Quadros renuncia! Extra! Extra! Jânio Quadros renuncia e João Goulart assume o poder! Extra! Extra! Jango é o novo presidente da República! (*Sai e volta.*)

JORNALEIRO
– Pessoal, me desculpem. Eu peguei de novo o jornal errado. Agora, sim. Está aqui o jornal quentinho. E a manchete é: "Explode o Golpe Militar". Extra! A República do Brasil está perdida. Extra! Explode o Golpe Militar! Extra! Estamos na era das experiências autoritárias e as camadas médias! Extra! Explode a Ditadura Militar! Extra! João Goulart abandona o país e refugia-se no Uruguai. Extra! Tropas... De Minas Gerais e São Paulo avançam sobre o Rio, onde o governo federal conta com o apoio de setores importantes da oficialidade e das Forças Armadas. Para evitar a guerra civil, Goulart abandona o país e pede exílio ao Uruguai. Extra! Explode o Golpe Militar! (*Sai.*)

CENA IV

Entram vários Estudantes Militantes contando Geraldo Vandré acompanhado por violões e flautas. Como em câmera lenta. Ao mesmo tempo desce um painel de jornal, formando um paredão que será pichado pelos militantes com frases do tipo: Basta! / Fora! / Ame-o ou deixe-o. Quase no final da música, entram Militares, uns montados a cavalo, outros formando um batalhão e travam uma batalha contra os Militantes.)

MILITANTES
(*Cantando:*) Caminhando e cantando / e seguindo a canção / somos todos iguais / braços dados ou não / nas escolas, nas ruas / campos, construções / caminhando e cantando / e seguindo a canção.../ Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / quem sabe faz a hora / não espera acontecer... / Pelos campos há fome / em grandes plantações / pelas ruas marchando / indecisos cordões / ainda fazem da flor / seu mais forte refrão / e acreditam nas flores / vencem o canhão... // Há soldados armados / amados ou não / quase todos perdidos / de armas na mão / nos quartéis lhes ensinam / uma antiga lição: / de morrer pela pátria / e viver sem razão... / Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / quem sabe faz a hora /não espera acontecer... // Nas escolas, nas ruas / campos, construções / somos todos soldados / armados ou não / caminhando e cantando / e seguindo a canção / somos todos iguais / braços dados ou não...// os amores na mente / as flores no chão / A certeza na frente / a história na mão / caminhando e cantando / e seguindo a canção / aprendendo e ensinando / uma nova lição... // (4 vezes baixando a altura da voz) / Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / quem sabe faz a hora / não espera acontecer.

(*Após a batalha, os Militares rendem os estudantes.*)

MILITAR
(*Aos Militantes.*) – Não pode pichar! É PRO-I-BI-DO!

MILITAR 2
– Protestar contra o governo... É PROIBIDO!

MILITAR 3
– Fica proibido qualquer tipo de motim.

(*Brasil entra por trás dos Militantes rendidos.*)

MILITAR
– Não se pode ter direito a ter DIREITO!

BRASIL
(*Gritando e se mostrando aos Militares.*) – E eu digo sim! E eu digo não ao não! E eu digo que é proibido proibir! É proibido proibir...

MILITAR
– Prendam-na! (*Um militar a pega.*) Ah, Brasil... Brasil... agora és nossa prisioneira.

BRASIL
– Não! Eu preciso encontrar o doce da vida...

(*Militares riem debochadamente e saem empurrando os Militantes. Todos saem. Entra o Jornaleiro amordaçado [Simbolizando a censura aos meios de comunicação]. Tenta falar a manchete do jornal. Os Militantes voltam e agora estão nus, com uma vela nas mãos, amarrados com fios elétricos e cantando "Jesus Cristo").*

MILITANTES
(*Cantando:*) Jesus Cristo / Jesus Cristo / Jesus Cristo / Eu estou aqui / Jesus Cristo / Jesus Cristo / Jesus Cristo / Eu estou aqui / Olho pro céu e vejo / uma nuvem branca que vai passando / Olho pra terra e vejo uma

multidão que vai caminhando / Como essa nuvem branca/ Essa gente não / Sabe aonde vai / Quem poderá dizer / O caminho certo / É você meu Pai... / Toda essa multidão / Tem no peito amor / E procura a paz / E apesar de tudo / A esperança não se desfaz... / Olhando a flor que nasce / No chão daquele que tem amor / Olho no céu e sinto / Crescer a fé no meu Salvador... / Em cada esquina vejo / O olhar perdido de um irmão / Em busca do mesmo bem / Nessa direção caminhando vem... / É meu desejo ver / Aumentando sempre / Essa procissão / Para que todos cantem / Na mesma voz essa oração... / Jesus Cristo! / Jesus Cristo! / Jesus Cristo eu estou aqui / Jesus Cristo! / Jesus Cristo! / Jesus Cristo eu estou aqui...

(*São homens, mulheres, entre elas algumas grávidas, outras menstruadas. Entre essas pessoas está também a jovem República. Logo uma mulher é puxada do meio. Um militar joga água em seu corpo. Outro lhe tortura dando choques com fios elétricos, nos bicos do seio e na vagina. Em seguida, outra é torturada com baratas. A mulher torturada por fios elétricos desmaia. É tirada arrastada. Outra pessoa é torturada com choques, e logo mais outras são torturada, até que chega a vez da República do Brasil.*)

BRASIL

– Não. Por favor. Não! Não! (*Gritando.*)

MILITAR

– Tá com medo, teteia?! Fica com medo não. Não vai doer nada. Agora eu vou te deixar escolher: Se tu não quiser levar choque... É só fazer um carinho aqui no papai. (*Arrancando a calça.*)

BRASIL

– Nunca! Nunca! Prefiro morrer levando choque!

MILITAR

– Te garanto que vai doer bem menos. (*Se aproxima da República que lhe dá uma joelhada no meio das pernas.*) – Sua puta! Sua vadia! (*Levanta as calças, militar pegar um balde d'água e joga sobre o corpo da Menina*

Brasil.) – Vadia! Agora tu vai ter o que merece. Segurem ela! (*Pegando os fios elétricos.*)

(*Entra Tancredo Neves.*)

TANCREDO
– Um momento!

MILITAR
– Mas o quê que é isso?

TANCREDO
– Você já vai saber!

(*Entra o Jornaleiro.*)

JORNALEIRO
– Extra! Extra! Fim da era do autoritarismo! Extra! Chega ao fim a Ditadura Militar. Extra! Extra! Tancredo Neves eleito novo presidente da República! Extra! Extra!

MILITAR
– Logo agora que a tortura contra a República seria plena.

TANCREDO
– Pois é... tarde de mais. (*Aos militares.*) – Caiam fora daqui. Agora! (*Militares saem.*) (*Jornaleiro começa a libertar os Militantes. TANCREDO liberta a República!*) (*Militantes vão saindo. Jornaleiro sai.*)

BRASIL

– Eh... este homem tão bom, ficou só nas promessas de comício. E não foi só ele, não! (*Passa de uma coxia à outra, atravessando o palco, todos os presidentes da República: José Sarney, Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma.*) Depois dele, muitos prometeram me ajudar. Foram planos Cruzeiro, Cruzado, Real, Bolsa Escola, Família, Vale Gás, CPMF, IPI reduzido e, por último, após tantos pais, ganhei uma mãe. Agora... em relação àquela história de doce da vida... eu consegui encontrar enquanto andava perdida em mim. Essa doçura nasce e morre todos dias. Dorme e quase sempre acorda. Esse doce... tá dentro de cada um brasileiro que sonha, que acredita, que tem esperança, povo festeiro, que rebolou no maxixe, que se apaixonou ouvindo uma bossa-nova, que vibrou ao som da jovem-guarda, que se expôs com a tropicália, que chacoalhou os miolos com o rock, que hoje fez uma salada disso tudo. O doce da vida sou eu, que sou todos vocês, cidadãos que não desistem nunca de ser feliz. Nunca...

EPÍLOGO

Desce uma tela, onde serão passadas imagens de um Brasil doce e feliz. A Menina República Federativa do Brasil canta o Hino Nacional.)

BRASIL
(*Cantando:*) Ouviram do Ipiranga às margens plácidas / de um povo heroico o brado retumbante / e o sol da liberdade, em raios fúlgidos / brilhou no céu da pátria nesse instante. / se o penhor, dessa igualdade / conseguimos conquistar com braço forte, / em teu seio, ó liberdade / desafia o nosso peito a própria morte! / Ó pátria amada / idolatrada / Salve! Salve! / Brasil um sonho intenso, um raio vivido / de amor e de esperança à terra desce / se em teu formoso céu / risonho e límpido / a imagem do cruzeiro resplandece / gigante pela própria natureza / és belo, és forte, impávido colosso / e o teu futuro espelha essa grandeza / terra adorada / entre outras mil / és tu Brasil / Ó pátria amada! / aos filhos deste solo és mãe gentil / pátria amada / Brasil!

(*A segunda parte é cantada por todo o elenco que vai entrando aos poucos, representando os "caras-pintadas", em verde e amarelo.*)

TODOS
Deitado eternamente em berço esplêndido / ao som do mar e a luz do céu profundo / fulguras, o Brasil, florão da América / iluminando ao sol do novo mundo! / Do que a terra mais garrida / teus risonhos lindos campos tem mais flores / "nossos bosques têm mais vida" / "nossa vida" no teu seio "mais amores" / Ó pátria amada / idolatrada / Salve! Salve! / Brasil, de amor eterno seja símbolo / o lábaro que ostentas estrelado / e diga o verde-louro desta flâmula / paz no futuro e glória no passado / mas, se ergues da justiça a clava forte / verás que um filho teu não foge à luta / nem teme, quem te adora a própria morte / terra adorada / entre outras mil / és tu, Brasil, / Ó pátria amada! / dos filhos deste solo és mãe gentil / pátria amada / Brasil!...

Este livro foi composto pela Gráfica Zilo para Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, em Minion/kalinga no corpo 11/20 pro e impresso sobre papel offset 90g/m² em abril de 2012.

As cortinas se abrem. Ao som de **flautas, uma tribo indíge**na dança **e canta ritual indígena.** No centro **da tribo, um índio e uma** índia. Ela **está grávida e confunde-**se com **a terra. A tribo forma um** oceano. **Da plateia, com uma lune**ta, entra **Cabral**

Secretaria de Estado da Cultura

TRABALHANDO PARA CRIAR OPORTUNIDADES

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA